

(2) Texto de Pe. Oscar BEOZZO, constante no relatório do Seminário Nacional de CEBs realizado em Goiânia, de 30-1 a 5-2 do corrente ano

Endereço da Autora:

*Irua Nelson R. Brasil, 114
caixa postal 114
88400-000 ITUPORANGA, SC*

Fraternidade e Excluídos

A Mulher no Mundo dos Excluídos

*Marta Magda Antunes Machado
Ex-aluna, graduada em 1993*

A modernidade - com a abrangência de sua significação - provocou as mais diferentes crises na história da humanidade. Suscitou novas mentalidades, questionou valores e acordou o mundo feminino em meio às transformações sócio-político-econômicas. A mulher conquistou seu espaço e fez valer seus direitos, descobriu sua força, até então reprimida pelas mordidas do sistema patriarcalista. Enfim contribuiu para que viesse à luz a fragilidade das relações humanas no contexto da assim chamada "sociedade pessoal". Mas a modernidade pode ser compreendida também como a aurora de todos os desafios que hoje arrostam a inteligência humana. Ou seja, as mulheres e os homens deste final de século são chamados a repensar o seu agir e os esquemas antropológicos que estão na origem de seus conflitos.

O Evangelho responde aos apelos de nossa epocalidade, à medida que nos exorta ao compromisso com o próximo (cf 1Jo 4,20s) e à qualidade da vida humana (cf Jo 10,10). Diante da complexidade dos problemas que afligem a sociedade hodierna, devemos voltar-nos para o grande número de excluídos, mantidos na ignomínia da pobreza, do preconceito e da discriminação social. Dentre estes estão **as mulheres, excluídas** por sistemas de idéias e práticas machistas, lutando - é certo! - contra os seus efeitos desintegradores da pessoa, e denunciando, por sua postura, um dos pecados do nosso tempo.

A MULHER NA SOCIEDADE E NA IGREJA

O papel da mulher é e será sempre muito importante para a vitalidade de todas as organizações humanas. O sistema patriarcalista tratou de subjugar as qualidades femininas à dominação do homem, como centro das decisões sócio-políticas. A discriminação da mulher foi ainda agravada pelas concepções filosóficas que reforçaram a idéia da superioridade masculina, segundo uma visão dualista e reducionista sobre mulher e homem. Mas a mulher acompanhou a história e, não obstante ter também ela aceitado por muito tempo o peso da inferioridade, chegou à consciência de sua

dignidade e fundamental importância para a realização do gênero humano.

A Revolução Industrial foi o marco efervescente das inúmeras transformações acontecidas no mundo. A partir de então os homens tiveram de enxergar e reconhecer a capacidade da mulher para além dos limites do lar e das funções de mãe-esposa. O processo de emancipação feminina foi lento, sem dúvida, e não está acabado, porque o ser humano terá que buscar continuamente sua libertação.

Contudo, temos de reconhecer o resultado desse processo no interior das sociedades. Aos poucos, a mulher passou a integrar os movimentos de luta, reivindicando para si espaços de atuação, dignidade humana e direitos igualitários, entre mulheres e homens. Cresceu seu poder de convencimento junto ao mundo masculinizado, porque ela redobrou seus esforços para acompanhar as exigências da modernidade.

A mulher deixou registrada na história a eficácia da sua presença nos diferentes setores da estrutura social. Não se acovardou diante dos preconceitos e das críticas. Mesmo assim ela continua sendo excluída pelo comportamento machista daqueles que insistem em reduzi-la ao papel de coadjuvante de menor importância. Muitas mentalidades guardam a marca deste preconceito: tudo o que é masculino, e só o que é masculino, é melhor, superior.

Vemos, hoje, que a mulher enfrenta os mesmos desafios assumidos pelo homem: trabalho, educação, cultura, cargos públicos, engajamentos políticos etc. Ela se envolve, procura conhecer os fatos e viabilizar propostas de mudança. Sobre tudo nos meios mais empobrecidos, está lá a mulher enfrentando as dificuldades da sobrevivência, segurando muitas "barras" (às vezes, o desânimo e a bebedeira do companheiro) e confirmando a sua resistência humana na missão que assumiu.

Além disso, a mulher carrega a difícil responsabilidade feminina de ser ela quem cuida da casa, do marido, dos filhos, de sua beleza, da sexualidade, dos múltiplos afazeres domésticos deixados aos seus cuidados. Estes fatores, facilmente absorvidos pelo senso comum, escondem a dicotomia no nível das relações humanas mulher-homem. E quanto mais pobre, mais injustamente explorada.

Na Igreja, a mulher conseguiu ser respeitada como pessoa e ocupou seu espaço na comunidade eclesial. Mas a teologia precisou ampliar seus horizontes e ceder lugar à compreensão do feminino no projeto de salvação, recuperando a verdade bíblica do Deus que criou o ser humano à sua imagem e semelhança **como masculino e feminino**, homem e mulher (cf Gn 1,27).

O Vaticano II, abrindo perspectivas humano-cristãs da atuação dos leigos na transformação do mundo, possibilitou a participação da mulher nos diversos ministérios eclesiais. Ela se integrou à vida da comunidade na educação da fé, nas celebrações litúrgicas, nas diversas pastorais e até mesmo nos órgãos de decisão. Gradativamente, a mulher foi-se tornando uma ameaça ao homem e ao seu poder absoluto na escala hierárquica da Igreja... (1)

Dai que há uma nítida dificuldade em considerar a pessoa da mulher em si mesma, sem ligá-la a funções especificamente delimitadas por (pre)conceitos machistas. Tira-se a autonomia do seu agir e do seu pensar como indivíduo livre. Esta é a constatação que fazemos ao lermos alguns documentos eclesiais e ao observarmos a atitude de muitos pastores em relação às mulheres.

Infelizmente há uma visão estática e simplista da mulher, de modo que **o que** se fala sobre ela e **o como** se fala com ela, muitas vezes, a colocam num segundo plano de importância, esquecendo-se a igualdade já proclamada por Paulo na carta aos gálatas: "*Todos - homem e mulher - sois um só no Cristo Jesus*" (cf Gl 3,28).

Podemos perguntar-nos se a mulher excluída não estará sendo, hoje, o acontecimento profético que denuncia os comportamentos equivocados. Todas as vezes que na sociedade ou na Igreja tiram-lhe o direito de se manifestar livre e totalmente por si mesma, ou quando é menosprezada em suas opiniões e opções, a mulher faz emergir à superfície de nossas relações humano-cristãs o apelo evangélico da conversão ao projeto de Jesus.

Nesse momento, as teorias e os discursos caem no vazio das palavras ditas da boca para fora. E é o real que desafia e questiona a postura cristã dos que desejam verdadeiramente aderir ao Cristo. Muitas vezes esse real aponta os "mais piedosos" como os mais opressores e preconceituosos. Poderíamos até perdoar tal pecado no nível das limitações de certos homens. Porém é certo que o machismo ainda é realidade em nosso meio. Sem dúvida ele é o fator mais importante da exclusão das mulheres na Sociedade e na Igreja. Cremos que essa exclusão faz parte dos vícios que estão na base de uma antropologia deficitária, unidimensional. As exigências de transformação do gênero humano são muito mais profundas e, por isso, é o Evangelho que nos apresenta a proposta de Deus para a libertação plena de todas as mulheres e de todos os homens.

A PALAVRA E A MULHER

A Palavra bíblica traz a novidade da Cruz como o absurdo assumido por Deus (2). Ou seja, a Cruz, que manifesta a negação do Reino, o pecado, o limite do humano, foi abraçada livremente por Jesus Cristo "em solidariedade e amor

com os crucificados, com aqueles que sofrem a Cruz" (3). Ela é, portanto, sinal do ilimitado amor de Deus, que a assume para vencê-la definitivamente em favor da salvação do homem e da mulher. O Deus da vida toma sobre si o absurdo da Cruz "não para divinizá-lo, não para eternizá-lo, mas para revelar as dimensões de sua glória que ultrapassam qualquer luz que venha do logos humano e qualquer escuridão que venha do coração" (4).

Neste sentido, a Cruz é a superação dos esquemas antropológicos que separam, dicotomizam a realidade humana e diminuem o valor daquilo que é universal e único: a libertação integral do humano feminino e masculino, sem distinção de raça, sexo, posição social etc (cf Cl 3,9-11). Todos somos

chamados a assumir o absurdo da Cruz como caminho de libertação trilhado pelo Filho de Deus. Todos são convidados à conversão, os que oprimem e os que são oprimidos.

Jesus Cristo bebeu da cultura do seu povo, conheceu suas necessidades e aspirações, amou a história de cada homem e de cada mulher com quem se relacionou. O Filho do Homem aprendeu com a vontade do Pai o melhor acesso ao coração humano, construindo um projeto de vida que acolheu a pessoa toda e todas as pessoas de modo originalmente livre. Na história de Jesus, o Deus que se revela salvador dialoga com o homem e a mulher (5) e "procura promover a sua

criatura a uma autêntica familiaridade e a uma colaboração livre" (6).

Logo, a conduta de Jesus nos ensina a superação dos julgamentos humanos, circunstanciados pelo limite da nossa natureza pecadora. O quarto evangelista, por exemplo, apresenta-nos quatro momentos bastante significativos da revelação de Jesus, feita a mulheres: o milagre de Caná, com a intervenção de Maria (Jo 2,1-12); o encontro com a mulher da Samaria junto ao poço de Sicar (Jo 4,1-42); o diálogo com Marta, em Betânia (Jo 11,1-27); a revelação do Ressuscitado a Maria Madalena (Jo 20,11-18).

No contexto de cada relato é muito interessante perceber o aspecto relacional do encontro de Jesus com tais mulheres. Há um comprometimento do Filho de Deus com a pessoa a quem se dirige, e mais, há uma exigência de resposta e fidelidade à sua palavra "de vida eterna". Aquele que é Deus conhece profundamente as mulheres com quem fala e, por isso mesmo, coloca-as diante do projeto de Salvação como testemunhas da Verdade. Teria Jesus dirigido sua palavra a essas mulheres, se ele não as considerasse importantes para o cumprimento do seu anúncio salvífico?

É preciso ler, meditar, orar e contemplar a palavra de Deus (7) para descobrir a mensagem universal de salvação dirigida a mulheres e homens, sem distinção de pessoa. Para tanto, torna-se necessário entrar em comunhão com o Deus que nos interpela. Como afirma a *Dei Verbum*: "A Sagrada Escritura - além da interpretação científica - também deve ser lida e interpretada naquele mesmo Espírito no qual foi escrita" (DV n.12/182).

Trata-se de um processo lento, que exige mudança de muitos conceitos pré-estabelecidos, para que possamos discernir aquilo que é tipicamente humano, passível de erro,

"Deus criou o ser humano à sua imagem e semelhança como masculino e feminino"

daquilo que é a palavra divina de libertação do gênero humano. É fundamental, portanto, conhecer de fato a palavra de Deus, evitar tudo que é fruto de nossos "achismos" e de uma visão unilateral, por si mesma autoritária e opressora.

MULHER EXCLUÍDA: CONVITE À CONVERSÃO

A realidade da exclusão da mulher está aí para ser assumida responsabilmente pelos "homens de boa vontade". A palavra de Deus nos exorta a viver a proposta evangélica de justiça e verdade, mediante o seguimento do Filho de Deus. O real nos mostra que não estamos sendo suficientemente justos nas nossas relações "humanas", relações homem-mulher.

"A teologia
deverá ler mais
e melhor o teor
feminino da
ação de Deus
no mundo"

Não estamos defendendo em primeiro lugar, como deveríamos, a **verdade** do valor salvífico de nossas vidas. Neste pecado de final de século é que se encontra a diferença entre o apelo de Cristo e os nossos postulados filosóficos e teológicos.

O quadro atual das muitas exclusões a que são submetidas - implícita ou explicitamente - as mulheres, nos impõe uma nova postura humano-cristã. Precisamos rever a estrutura antropológica que determina os espaços de ação do homem e da mulher, e

superar a dicotomia simplista que os define.

Se quisermos ser fiéis à palavra de vida eterna de Jesus - como o fizeram as quatro mulheres em João - teremos de abandonar nossos julgamentos mesquinhos, individualizados por comportamentos egoístas e orgulhosos. Teremos de amar profundamente a pessoa e o seu direito de ser diferente. Isto significa também enxergar, respeitar e defender as necessidades de realização humana das mulheres, ainda excluídas por sistemas de privilégios em favor dos homens.

Mulher e homem serão imagem do Deus vivo quando compreenderem a unidade de suas diferenças como exigência básica para a concretização histórica do Reino. Nossa Sociedade e nossa Igreja deverão **incluir a mulher** - com tudo o que significa o feminino e sua liberdade de participação - na prática de suas grandes transformações e conquistas. A teologia deverá ler mais e melhor o teor feminino da ação de Deus no mundo.

Quem melhor poderá fazer isto senão as próprias mulheres? As pastorais deverão incentivar a criatividade feminina e reconhecer a idoneidade das mulheres para se integrar a todas as frentes de trabalho no exercício de seu apostolado. A exegese deverá se universalizar cada vez mais para que não exclua a vocação da mulher da história salvífica reservada a **toda a humanidade, sem distinção** de pessoa. E deverá colocá-la no centro da criação - como está o homem - não de modo referencial, mas com a dignidade autônoma de criatura escolhida e chamada por Deus.

CONCLUSÃO

Concluindo, a Sociedade como um todo deverá ensinar aos homens o ofício que, de muito, pertence não só às mulheres, mas também a eles, segundo a responsabilidade de sua natureza humana, e que nunca foi reconhecido como tal: os homens não precisarão mais depender das mulheres para serem bons donos de casa, carinhosos com as esposas, com os filhos, cuidando de sua beleza e sexualidade, e não terão que subjugar o poder da mulher para defender sua autoridade absoluta.

Saberão que o divino está justamente **no mistério feminino e masculino de ser pessoa**, semelhante a Deus. Este será o sinal visível da maturidade de nossa época, liberdade de acreditar na nossa própria semelhança, e de respeitá-la como vontade do Criador.

E muito maior deverá ser o nosso esforço de conversão dentro do Continente latino-americano, marcado pela opressão mas dinamizado pelos movimentos de libertação. O desafio para o cristão é o de seguir Jesus Cristo optando pelos pobres e marginalizados. Se toda mulher é um "pobre de Deus", muito mais o são as mulheres empobrecidas. Duplamente marginalizadas, elas somam o grande número de excluídos que esperam a solidariedade da Cruz para a ressurreição de seus corpos e de sua dignidade humana.

NOTAS

(1) Cf GEBARA, I., *Poder e não-poder das Mulheres*, Ed. Paulinas, SP, 1991, p. 38-39

(2) Cf BOFF, L., *Paixão de Cristo, Paixão do Mundo*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1990, p. 143-144

(3) *Ibid.*, p. 144

(4) *Ibid.*, p. 143

(5) Cf MUÑOZ, R., *O Deus dos cristãos*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1989, p. 231-132

(6) *Ibid.*, p. 232

(7) Cf Publicações CRB, *Leitura Orante da Bíblia*, Ed. Loyola, 1990, p. 20-32

Endereço da Autora:

rua Prof^a Otilia Cruz, 65
Estreito
88095-080 FLORIANOPOLIS, SC